



RELATO DE EXPERIÊNCIA DO TRABALHO COM CRIANÇAS COM TEA A PARTIR DO PROJETO SINGULAR

Leticia Andrade Farias¹ Maria Erica Vaniely Pereira Gomes², José Rodolfo da Silva³, Stella Márcia de Moraes Santiago⁴, stella.marcia@professor.ufcg.edu.br, Simone Joaquim Cavalcante⁵, simonecavalcantejp@gmail.com, Maria Janete de Lima⁶, limamariajanete@gmail.com, Ane Cristine Herminio Cunha⁷ aneherminio@gmail.com

Resumo: O artigo traz o relato de experiência de uma bolsista e dois voluntários que atuaram no Projeto Singular. Este trabalho objetiva promover maior interesse em alunos do Curso de Pedagogia e outras Licenciaturas do Centro de Formação de Professores (CFP) da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) em trabalhar com crianças com TEA. Metodologia: pautou-se na observação e na intervenção acompanhada, tomando por base o trabalho desenvolvido pelas professoras integrantes do projeto de extensão

Palavras-chave: Autismo; lúdico; experiência.

1. Introdução.

Este artigo traz o relato de experiência de uma bolsista e dois voluntários que participaram do Projeto Singular. As atividades do Projeto desenvolveram-se no Laboratório de Práticas Pedagógicas - Paulo Freire da Unidade Acadêmica de Educação (UAE) do Centro de Formação de Professores (CFP) da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), todas as sextas-feiras das 14:30h às 17:00h. O Projeto Singular é resultado do doutoramento em Educação na Universidade Federal de Sergipe da professora Ane Cristine Hermínio Cunha, coordenadora do projeto de extensão, cujas atividades desenvolveram-se em parceria com outras três professoras da UAE, visando o desenvolvimento das funções cognitivas das crianças participantes do projeto. Para a consecução do projeto simulamos um ambiente parecido com uma sala de aula (tempo e espaços pedagógicos), com tempos destinados a atividades lúdicas de enriquecimento de habilidades, com horário para lanche e recreação.

As crianças eram acompanhadas lúdico e pedagogicamente pelas professoras, bolsista e voluntários envolvidos no projeto. O foco era desenvolver atividades lúdicas e pedagógicas, visando o desenvolvimento cognitivo das crianças, de forma prazerosa e respeitosa para estas. Neste artigo, trazemos o relato da experiência adquirida pela bolsista e pelos voluntários por meio do trabalho desenvolvido no projeto singular, haja visto a importância destas aprendizagens para suas formações e vida profissional futura.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.

Crianças com transtorno do espectro autista (TEA) têm seu desenvolvimento afetado de forma significativa, com ênfase nas áreas de comunicação, interação social e comportamentos repetitivos. A compreensão do processo de aprendizagem e desenvolvimento destas crianças é fundamental para que estratégias de ação pedagógicas sejam pensadas, com vistas às suas inclusão educacional e social.

Para Vygotsky (2001)[5], o desenvolvimento humano ocorre por meio da interação social e da internalização de signos e instrumentos culturais. Segundo o autor, as funções mentais superiores – como atenção, memória, pensamento e linguagem – não se desenvolvem isoladamente, mas são construídas socialmente (Vygotsky, 2001)[5]. Esse princípio é essencial para compreender o aprendizado de crianças com TEA, uma vez que elas frequentemente apresentam dificuldades na interação e na comunicação, o que impacta diretamente seu desenvolvimento cognitivo e social.

Vygotsky (2001)[5] enfatiza que o desenvolvimento das funções mentais superiores ocorre por meio da mediação social, logo, a interação com outras pessoas torna-se essencial para a aprendizagem. Com o conceito de Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP), Vygotsky esclarece a diferença entre o que a criança pode fazer sozinha e o que ela pode alcançar com a ajuda de um mediador mais experiente, como um professor, cuidador ou colega. Assim, o ZDP é fundamental para crianças com TEA, pois indica a necessidade de intervenções que ofereçam suporte para ampliar suas habilidades comunicativas e cognitivas.

Para a teoria vygotskiana a linguagem é imprescindível como ferramenta de desenvolvimento do pensamento, agindo não somente como meio de comunicação, mas também um instrumento que possibilita a organização do pensamento e do comportamento.

Outro destaque importante dado por Vygotsky (1991)[6] é a brincadeira como ferramenta para a aprendizagem e desenvolvimento infantil. O autor menciona que, ao brincar, a criança aprende a regular seu comportamento, desenvolver habilidades simbólicas e internalizar regras sociais. Para crianças com TEA, as atividades lúdicas estruturadas podem ser um meio eficaz

^{1,2} Estudantes de Graduação, UFCG, Campus Cajazeiras, PB. Brasil.

³ Voluntário da APAA Brasil.

¹² Professoras, UFCG, Cajazeiras, PB. Brasil.

de promover o engajamento social e a aprendizagem, ajudando-as a expandir suas habilidades comunicativas e cognitivas.

Com base nesses princípios teóricos, o projeto de extensão foi estruturado para oferecer atividades mediadas por adultos e colegas, com o objetivo de estimular as funções mentais superiores das crianças participantes, além de enriquecer a formação profissional da bolsista e dos voluntários.

3. METODOLOGIA.

O projeto de extensão singular desenvolveu-se com com quatro crianças com autismo, idade entre 3 e 6 anos, com nível de suporte 3 e não verbais, da Associação de Pais de Crianças Autistas de Cajazeiras e regiões circunvizinhas – APAA cidade de Cajazeiras – PB. O projeto também contou com a integração de quatro professoras, uma bolsista e dois voluntários, sendo uma aluna do curso de pedagogia do CFP e um voluntário da APAA. Esta equipe desenvolveu atividades lúdicas e pedagógicas junto às crianças, como também realizava a confecção de alguns brinquedos/brincadeiras, para serem executados semanalmente.

As atividades ocorriam uma vez por semana, das 14:30h às 17:00h, com mediação junto às crianças de forma individual e em grupo. A partir das Atividades lúdicas e pedagógicas realizadas foram trabalhados: a estimulação da linguagem, a organização do tempo e do espaço, reconhecimento de si e do outro, coordenação motora fina e grossa, atenção, foco, memória, planejamento mental, raciocínio lógico, atividades de autorregulação – conhecimento do próprio corpo, atividades de sensibilização, atividades para ajudar a interpretar suas emoções, atividades de integração – atividades que ajudaram a criança a reconhecer seus objetos de uso pessoal, aprender a terminar as tarefas propostas, organizar os alimentos do lanche e guardar seu material. Também desenvolvemos atividades lúdicas e pedagógicas de leitura, escrita, coordenação motora fina e grossa, conceitos básicos de matemática e expressão corporal.

É importante mencionar que em primeiro lugar, estava o bem estar das crianças acompanhadas no projeto. Assim, as atividades foram desenvolvidas de forma lúdica e prazerosa para as crianças possibilitando a estas a escolha de brinquedos e brincadeiras e estimulando-as em todos os momentos.

Para a análise dos dados do projeto Singular baseamo-nos na teoria de Vigotski, conhecida como Psicologia Histórico-Cultural ou sociointeracionista. O teórico defende que o desenvolvimento da criança acontece primeiro no plano social e, depois, no plano individual, a partir da interação da criança com o seu meio (Vigotski, 1994). Defendemos ser possível agir de forma a desenvolver funções mentais específicas e que estejam ausentes na criança, a fim de construir funções mentais que servirão de base para o seu desenvolvimento.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO.

Abaixo apresentamos os relatos de experiência da bolsista e dos voluntários, como resultado e discussão deste trabalho. Compreendemos que os relatos de experiências descrevem o vivido e podem contribuir com a construção do conhecimento da área abordada. Além disso, trazemos à tona as percepções de jovens em processo de formação profissional, como se sentem inseridos e quais suas percepções sobre o objeto, enriquecendo nosso olhar sobre o próprio trabalho e futuros projetos.

Para os relatos, solicitamos que trouxesse aspectos de suas percepções sobre o trabalho realizado no projeto singular e como se sentiram como participantes ativos deste projeto.

Os nomes utilizados para representar as crianças: Paulo, Valéria, Luísa e Camila são fictícios.

RELATO 1 - bolsista

Desde o início do projeto de extensão, Valéria e Paulo mostraram que a comunicação vai muito além das palavras. No começo, ambos eram não verbais, expressando-se por gestos, olhares e interações visuais. No entanto, com o tempo e o suporte das atividades do projeto, a fala começou a surgir de maneira natural e significativa, tornando-se um marco emocionante no desenvolvimento de cada um.

Paulo, sempre muito carinhoso e atencioso, demonstrava seu afeto por meio de gestos e ações cuidadosas. Conforme sua fala foi se desenvolvendo, ele começou a verbalizar seus sentimentos e pensamentos, ampliando ainda mais sua conexão com o mundo ao seu redor. Sua forma de se expressar sempre foi carregada de ternura, e à medida que as palavras se tornaram mais presentes, essa característica se fortaleceu ainda mais.

Aqui, a bolsista enfoca a importância do projeto no desenvolvimento da linguagem e do pensamento do Paulo.

Valéria, por sua vez, desde o início mostrou-se extremamente inteligente e com uma incrível habilidade para assimilar imagens. Seu olhar atento e sua capacidade de interpretar detalhes visuais foram essenciais para seu processo de aprendizado. À medida que sua fala foi emergindo, ela passou a conectar palavras e imagens com grande facilidade, demonstrando um raciocínio rápido e preciso.

A bolsista 1 vincula a associação de imagens e desenvolvimento verbal da Valéria.

E finaliza com:

A história de Valéria e Paulo no projeto de extensão é o resultado do potencial humano para o desenvolvimento, a aprendizagem e as situações de adaptação. O desenvolvimento de

ambos ocorreram além do campo da linguagem, também da confiança, da interação social e da expressão de suas identidades únicas. Mais do que palavras, as crianças nos ensinaram que a comunicação se manifesta de diversas formas – e que cada avanço é uma conquista significativa no desenvolvimento dessas crianças em constante processo de aprendizagem.

Relato 2 - Voluntária 1

O relato de experiência que apresentamos, das crianças com Transtorno do Espectro Austista (TEA), traz os processos de desenvolvimento e aprendizagem na vida de quatro crianças, no nível de suporte três, sendo três meninas e um menino [...]. Mas, quando ingressei como voluntária no projeto, o mesmo já estava em curso. Ouvi outros relatos que as crianças atendidas não conseguiam nem sentar-se para realizar as atividades, e que durante o tempo que participei, as mesmas desenvolveram-se de modo significativo. Desta forma, o objetivo do projeto de extensão em tela desenvolvia-se, principalmente através de atividades lúdicas, buscando o desenvolvimento de suas funções de sequenciamento lógico do cérebro e memória de longo prazo e aprendizagens significativas para o seu cotidiano e vida social. Isto é, o raciocínio lógico, a fala, a escrita, a leitura, a compreensão e a matemática. O lado sensorial também, através de reconhecimento de sons e rostos de todos os sujeitos envolvidos no projeto. Ou seja, como os indivíduos com autismo, são habituados com a rotina, o reconhecimento de quem está ali no projeto é fundamental para o processo de socialização das crianças; bem como as atividades que são realizadas é gradativa, feito por partes, no tempo/espço planejado. Ao longo do projeto as orientações era de que todas as pessoas envolvidas deveriam socializar-se igualmente com todas as crianças, sem distinção, pois era estimulado, que todos nós ficássemos com todas, realizando as atividades, lembrando a importância sempre de dialogar com elas, olhando no olho delas, para estimular a sua fala, além das demais atividades. Isso nos faz lembrar que caso uma criança não dialogue com frequência, não significa dizer, que ela não entenda o que está sendo dito, em processo de comunicação e interação social. Para Camila, por exemplo, pude observar que o seu desenvolvimento ao longo do tempo no projeto, foi bastante significativo. Ela falava pouco, ou quase nada, só cantava e não conseguia se concentrar nas atividades, mas ao final do projeto, Camila apresentou avanços na comunicação verbal, estabelecendo conversas, pois ela conversava, repetia facilmente palavras, escrevia, com nosso auxílio, recortava papel sozinha, com o uso da tesoura e muitas outras

atividades. Por fim, cabe ainda relatar que a estereotipia de cantar continuamente, foi diminuindo pouco a pouco. Portanto, atuar nesse projeto de extensão na condição de voluntária foi muito prazeroso e importante no meu processo formativo.

A voluntária 1 traz aspectos gerais do projeto e enfatiza algo vivenciado no início do mesmo, a necessidade de aprender a sentar. As crianças chegaram ao projeto singular sem conseguir sentar para realizar tarefas ou mesmo para se alimentar. Este aprendizado foi desenvolvido por todas. Esta voluntária 1 também expressa o quanto sua participação no projeto singular reverbera positivamente para sua futura formação como pedagoga, ou seja, como foi importante no seu próprio processo formativo de docente.

Relato 3 - Voluntário 2

Gostaria de ressaltar que a minha compreensão de inclusão de crianças em atividades estruturadas pode desempenhar um papel essencial no desenvolvimento das suas habilidades sociais, comunicativas e cognitivas. Nesse sentido, atuar como voluntário nesse projeto de extensão e acompanhar de forma mais sistemática a trajetória de Paulo e Valéria foi um desafio imensurável, capaz de me fornecer ainda mais a compreensão sobre o valor dos processos formativos em contextos de aprendizagem colaborativa, reconhecer que foi importante para a minha vida, já que cada um apresentava desafios específicos que, ao longo do tempo, foram atenuados, sob a condução das professoras orientadoras do projeto.

Cabe salientar que, apesar dessas crianças serem sujeitos que já tinham conhecimentos prévios (aprendizagens), nos pareceu perceptível que elas ainda não estavam totalmente cientes de suas capacidades. Paulo, por exemplo, que apesar de ser uma pessoa dedicada, mostrava-se dependente das outras pessoas para realizar suas atividades cotidianas. Já, Valéria, que apesar de ser uma pessoa bastante atenciosa, não conseguia reconhecer o potencial de expressão que traz consigo como sujeito no mundo, como sujeito em si, mas que foi evidenciado no seu próprio desenvolvimento.

Observei ainda que no início do projeto, Paulo, era uma criança, que de antemão, já conseguimos identificar seu potencial e que ele gostava de mostrar isso respondendo aos comandos de forma tranquila e sistemática, sem contar o quanto ele preza pela organização e sempre consegue reconhecer o que é certo e errado e o que realmente precisa ser feito. O diferencial está no fato de que, anteriormente, ele precisava de uma confirmação de um adulto, para ter certeza das suas ações. Atualmente,

além de desenvolver autonomia, consegue ter controle de muitas das suas ações, ou seja, autorregulação. Por exemplo, ao utilizar o banheiro, aprendeu a lavar e enxugar as mãos sozinho e colocar o papel descartável no lixo sem precisar de nenhuma orientação. Essa sem dúvidas foi uma das melhores coisas que consegui ver no processo de desenvolvimento dele.

Já Valéria, uma criança bastante carismática, consegue prestar atenção em tudo à sua volta. Desde o início, é perceptível a presença que ela tem nos lugares e a quão habilidosa ela é com as coisas. Mas uma questão que também era notável, era sua falta de expressão. Não conseguimos vê-la como se sentia diante de determinadas coisas, não pela falsa ideia de ausência de sentimentos, mas, por não saber como demonstrá-los. Sua capacidade de inteligência e raciocínio são surpreendentes, é algo extremamente maravilhoso de se ver que, tanto o desenvolvimento dela quanto o de Paulo, foram significativamente aprimorados em pouco tempo de convivência. Observamos que ao longo do tempo, ela também conseguiu desenvolver a autorregulação, controlar mais as suas emoções, além de estabelecer a fala, a comunicação com mais precisão, apresentando com mais clareza as suas necessidades e opiniões, como parte desse processo de desenvolvimento e aprendizagem. Por exemplo, quando estava com fome, apenas começava a chorar sem deixar nítido o motivo das lágrimas. Agora, ela consegue demonstrar que está com fome, apontando para sua lancheira, ou até mesmo falando a palavra “fome”. Outro exemplo básico e com bastante frequência é a utilização do “não!” em momentos certos e necessários para ela, criando um ambiente de comunicação, garantindo-lhe sua autonomia, com sujeito de direito. Por fim, cabe ressaltar que conviver com crianças como Paulo e Valéria, para mim foi incrível, está com essas crianças ao longo do projeto de extensão foi e ainda é uma experiência memorável. Principalmente quando no início do projeto, Paulo e Valéria já eram crianças bastante acolhidas pelas professoras orientadoras do projeto e à medida que o tempo passava, eu só conseguia entender cada vez mais o motivo disso, despertando ainda mais minha própria admiração com essas crianças. Acompanhar o desenvolvimento delas me faz ficar bastante feliz e me sentir uma pessoa privilegiada, pois além de eu conseguir entender melhor as personalidades diferentes de cada uma, eu consegui auxiliar e contribuir nesse processo formativo.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde o início do projeto de extensão Aprendizagem e Desenvolvimento das Crianças com TEA, ficou evidente que a comunicação vai muito além das palavras. Durante um ano de trabalho com quatro crianças no nível de suporte três — Camila, Paulo, Valéria e Luísa — testemunhamos não apenas seus desenvolvimentos, mas também a transformação de todos os envolvidos no projeto.

As crianças sempre demonstraram grande potencial. Mas, cada um com desafios particulares. No começo, todos eram não verbais. Com o tempo e a mediação do projeto, foram desenvolvendo a linguagem e a comunicação.

A bolsista e os voluntários se empenharam muito no apoio às crianças quanto à realização de suas atividades. Percebemos o engajamento e dedicação assíduos ao projeto singular. No acompanhamento das crianças, não havia diferenciação. O trabalho deu-se com a interação mútua, de cada pessoa com cada criança e de todos juntos, nas atividades grupais. A bolsista e os voluntários nunca estiveram sozinhos no diálogo ou trato com as crianças. A coordenadora e professoras integrantes do projeto acompanhavam essas interações, sentando-se ao lado da bolsista e dos voluntários e os auxiliando.

Dessa forma, o projeto singular desenvolveu suas atividades em parceria. Ao término de alguns encontros, sentávamos e conversávamos sobre aquele dia, sobre o desenvolvimento das crianças, o que lhes foi possível avançar até ali, o que ainda precisávamos trabalhar mais e o que nós mesmos poderíamos melhorar nas nossas ações junto às crianças.

Assim, compreendemos que o projeto singular proporcionou o desenvolvimento de todos. Para o tempo de execução dos avanços junto a crianças com TEA foi bastante significativo, pois as atividades não se estabelecem de forma a lhes ensinar a repetir comandos. Foram desenvolvidas habilidades cognitivas.

A evolução dessas crianças não foi apenas um reflexo do trabalho da equipe, mas também uma prova de que, quando respeitamos o tempo e as necessidades de cada um, o aprendizado acontece de forma genuína.

Fazer parte da trajetória de desenvolvimento destas crianças reforça a importância de atividades lúdicas e pedagógicas inclusivas.

6. REFERÊNCIAS.

LEONTIEV, A. N. Os Princípios Psicológicos da Brincadeira Pré Escolar. In: _____; LURIA, A.R.; VIGOTSKI, L.S. Linguagem, Desenvolvimento e Aprendizagem. Organizadores Maria Thereza Fraga Rocco... [et al.]; tradução de Maria da Pena Villalobos. 12. ed. São Paulo: Ícone, 2012. p.119-142.[1]

SILVA, A. L. S. Comportamento estereotipado no transtorno do espectro autista: alguns comentários a partir da prática avaliativa. **Revista Desafios**, s. l., v. 7,

n. 1, 2020. DOI: <https://orcid.org/0000-0001-7889-0531>. [2]

TIMO, A. L. R.; MAIA, N. V. R.; RIBEIRO, P. C. Déficit de imitação e autismo: uma revisão. **Revista de Psicologia da USP**, São Paulo, v. 22, n. 4, 2011. DOI: 10.1590/S0103-65642011005000035. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-65642011005000035>. Acesso em: 23 abr. 2020. [3]

VIGOTSKI, Lev Semenovich. A formação social da mente. 7.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007. [4]

VYGOTSKY, Lev S. A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. São Paulo: Martins Fontes, 2001. [5]

VYGOTSKY, Lev S. A imaginação e a criação na infância. São Paulo: Ática, 1991. [6]

, conscientizando-os da importância do trabalho e de seus alcances futuros, tanto para as crianças como para os estudantes envolvidos como futuros profissionais da educação.

, três pedagogas e uma psicóloga. Assim, identificamos que a bolsista e os voluntários do projeto sentiram-se instigados e encorajados a desenvolver ações lúdicas e pedagógicas acompanhadas junto às crianças.